

**Os “lugares de memória”
midiáticos e a preservação
da imagem do herói político
na imprensa: um *continuum*
entre passado e presente**
*[The media as a “place of
memory”: the preservation of
the image of political hero in
the press - a continuum
between past and present]*

REVISTA
compolítica

revista compolítica

2019, vol. 9(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2019.9.3.196

 Open Access Journal

Gesner Duarte Pádua

Universidade Federal de Mato Grosso
[Federal University of Mato Grosso]

Resumo

Este artigo aborda como a imagem de herói e mártir da democracia, atribuída ao ex-presidente Tancredo Neves pelos media na década de 1980, permanece viva na memória coletiva nacional graças, em grande medida, a sua reprodução nos veículos de imprensa eletrônicos, tomados aqui como novos “lugares de memória”, segundo a perspectiva de Pierre Nora e Jacques Le Goff. O corpus empírico é composto por 33 publicações do Portal UOL, revista Veja online e Folha de São Paulo online. Observa-se como recorte temporal a efeméride do aniversário de 30 anos de sua eleição para a Presidência e sua trágica morte, pouco depois. Verifica-se que, a despeito de um lapso temporal de três décadas, a figura do herói político sobrevive na atualidade reelaborada em “lugares de memória” midiáticos que contribuem para a disseminação de certas versões do passado no imaginário coletivo, em operações de enquadramento da memória.

Palavras-chave: lugares de memória, herói político, Tancredo Neves

Abstract

This paper investigates how the image of hero and martyr of democracy, attributed to the former Brazilian President Tancredo Neves by the media in the early 1980s, remains alive nowadays in the collective memory to a large extent because of its reproduction in the electronic press vehicles, taken as new “places of memory”, according to the perspective of Pierre Nora and Jacques Le Goff. It is observed as temporal clipping of the analysis the 30th anniversary of its election to the Presidency of the Republic and its tragic death, shortly thereafter. The empirical corpus is composed of 33 publications of the UOL Portal, Veja online magazine and Folha de São Paulo online. It is observed that, despite a time lapse of three decades, the image of the political hero still survives strongly in the present reworked in media “places of memory” that contribute to the dissemination of certain versions of the past in the collective imagination, in framing operations of the memory.

Keywords: places of memory, political hero, Tancredo Neves

Os “lugares de memória” midiáticos e a preservação da imagem do herói político na imprensa: um continuum entre passado e presente

Gesner Duarte PÁDUA

Hoje, ao se falar sobre o ex-presidente Tancredo Neves para alguém com mais de trinta anos, a primeira ideia que certamente lhe virá à cabeça é a do político que derrotou a ditadura civil-militar e devolveu a democracia ao Brasil na primeira metade da década de 1980. Imagem essa provavelmente formada, em grande medida, a partir do contato com jornais, revistas ou programas de TV durante sua adolescência e vida adulta. Entretanto, se uma pessoa mais nova, como um estudante por exemplo, não o conhecer e quiser saber a seu respeito é muito provável que ela realize uma pesquisa na internet, a deusa Mnemósine desses nossos tempos cibernéticos, especialmente em sites noticiosos de veículos renomados.

A busca resultará em centenas de páginas com informações sobre o político mineiro. Em praticamente todas elas o internauta irá se deparar com uma imagem pública de Tancredo profundamente mitificada, caracterizando-o como o “pai da Nova República”, o político conciliador que encarnou as esperanças de milhões de pessoas em um novo Brasil, em uma era de prosperidade depois de vinte anos de autoritarismo militar e mazelas econômicas. Aquele que, como outro mineiro e grande herói nacional, Tiradentes, se sacrificou e morreu em nome de um ideal nobre e altruísta: a liberdade do seu povo. Nessa narrativa romanesca, o herói político sucumbiu ao martírio, mas deixou como legado a salvação do País.

Como demonstrei em outros trabalhos (Pádua, 2011a, 2011b), a imagem de Tancredo como herói e mártir da democracia no imaginário coletivo nacional começou a ser construída no período final do Regime militar, marcado por uma profunda agitação na vida política, econômica e social do Brasil. Naquele momento, a luta pelas Diretas Já causava euforia e esperança de que a ditadura agonizante finalmente desse seus últimos suspiros. A emenda das eleições diretas foi derrotada no Congresso e a escolha do novo presidente seria feita em janeiro de 1985 por via indireta, no Colégio Eleitoral. Através de uma coalizão de partidos da oposição, Tancredo foi indicado como candidato à Presidência, tendo José

Sarney, do PMDB, como vice. Sua palavra de ordem era “conciliação”, a pedra de toque que, segundo ele, seria capaz de promover a grande união de todos os setores da sociedade, desde o governo militar até os partidos de esquerda, do grande empresário ao sindicalista, e colocar o Brasil novamente nos trilhos.

Mas, um dia antes da posse, em 14 de março de 1985, Tancredo foi internado em Brasília e submetido a uma cirurgia para retirada de um pequeno tumor, cujas complicações levaram a um quadro de infecção generalizada. Sarney foi empossado como presidente interino. Transferido para São Paulo, Tancredo morreu no dia 21 de abril (dia de Tiradentes, o grande herói da Inconfidência Mineira), depois de 38 dias de agonia. Naquele momento começou-se a criar em torno dele, em uma intensa campanha promovida pelos seus aliados políticos e por grande parte da imprensa, a imagem de “salvador da pátria” (Pádua, 2011a), de um “novo Moisés, com a missão de conduzir o País do deserto da desesperança para uma nova Canaã”, como avalia Skidmore (1988, p. 487).

No presente trabalho analiso a preservação e a reprodução dessa memória heroificada do ex-presidente Tancredo Neves na atualidade a partir da sua apropriação por três importantes veículos eletrônicos da nossa imprensa: o portal UOL, a revista Veja e o jornal Folha de São Paulo. O recorte temporal abrange o período de janeiro a abril de 2015, quando se celebrou a efeméride do aniversário de trinta anos de sua eleição para a Presidência da República e sua inesperada morte.

Intento verificar como três décadas depois daqueles acontecimentos a imagem idealizada de Tancredo como herói político e mártir da democracia ainda sobrevive fortemente impregnada na memória coletiva nacional. Defendo a proposição de que isso se deve, em considerável parte, à disseminação dessa imagem pelos grandes veículos jornalísticos brasileiros no século XXI. Trabalho, nessa perspectiva, estabelecendo um diálogo entre passado e presente, entre fatos históricos e sua apropriação pelos media no presente, remontando à ideia da imprensa como um novo “lugar de memória”, conforme o conceito do historiador francês Pierre Nora e as ideias defendidas pelo seu colega, Jacques Le Goff, sobre os meios jornalísticos na contemporaneidade.

Metodologia

O *corpus* escolhido para a pesquisa é composto de 33 publicações (matérias, colunas, vídeos, entrevistas, entre outros formatos) veiculadas de janeiro a abril de 2015 no Portal UOL, Folha de São Paulo online e na revista Veja online. Visando uma investigação comparativa, esses veículos foram escolhidos pela sua relevância jornalística, prestígio e abrangência no cenário da produção noticiosa online brasileira. São “veículos de referência”, segundo a caracterização de Amaral (2004)¹.

Para a seleção do *corpus* foi feita uma busca no próprio sistema de cada veículo com a palavra-chave “Tancredo Neves” dentro do período temporal indicado, que corresponde à efeméride de trinta anos de sua eleição à Presidência da República, doença e morte. Foram selecionadas apenas as publicações que faziam referências diretas e substanciais a ele no que se refere à rememoração desses fatos para se perceber os sentidos construídos em torno de sua figura no presente.

Chegou-se a nove publicações no portal UOL, dezenove na Folha de São Paulo online e cinco na revista Veja *online*. Delimitado o *corpus* e o problema central da pesquisa, partiu-se para a análise, propriamente.

O procedimento analítico se baseou na proposta de Análise de Enquadramento, de Soares (2006), que assimila diversas contribuições técnicas e teóricas da Análise de Conteúdo, na esteira de Bardin (2011).

Optou-se por realizar uma análise temática, ou seja, “a contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada” (Bardin, 2011, p. 77), pois essa modalidade favorece a percepção dos enquadramentos realizados pelo enunciador em cada notícia. As unidades de registro menores, como as palavras (especialmente as “palavras-tema”, ou “palavras-chave”), também foram levadas em consideração, entretanto, não foi considerado útil tomá-las em seus aspectos quantitativos e de frequência, pois, além de a maioria das notícias ser curta, essas unidades lexicais

¹ “Veículos de referência” são entendidos pela autora como meios de grande abrangência, consolidados em termos econômicos e de audiência, com grande prestígio e influência na formação da opinião pública, além de se constituírem como modelo para outros veículos.

menores funcionavam, em termos práticos, como pontos nodais articuladores de sentidos mais amplos, componentes das unidades de registro maiores (os temas), mais apropriados ao corpus e aos objetivos da investigação. Como observa Bardin (2011, p. 135), “O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e proposições portadores de significações isoláveis”. Assim, segundo a autora, “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação [...]”.

Em termos de organização da análise, em primeiro lugar foi realizada, como sugere Bardin (2011), uma “leitura flutuante” de todo o material (textos, fotos, títulos, legendas, etc.), para reconhecê-lo e identificar os aspectos mais relevantes.

Em seguida, delimitadas algumas categorias de análise que “evidenciam mais as inclinações da publicação” (Soares, 2006, p. 14). Nessa etapa foram sistematizadas as categorias e subcategorias de análise indicadas no quadro abaixo (Quadro 1). O critério utilizado foi o temático. Essa diferenciação formal é realizada para facilitar a demonstração dos instrumentais empregados. Na prática, algumas categorias e subcategorias aparecem bastante imbricadas umas às outras em cada publicação. Essa característica precisa ser considerada durante a análise, especialmente na operação de reagrupamento semântico das categorias com a finalidade de identificar os temas e enquadramentos predominantes, como poderá ser conferido mais à frente.

Quadro 1- Categorias temáticas utilizadas na análise do corpus

Categoria 1	Heroificação- Herói político
Subcategorias	1.1 Agente transformador da opressão em liberdade/Aquele que derrotou a ditadura/ “Pai” da democracia
	1.2 Grande líder/ Comandante/ Estadista
	1.3 Mártir
	1.4 Conciliador
	1.5 Figura humanizada: corajoso/ altruísta/ defensor dos mais necessitados/ sábio/ virtuoso moral/ humilde
Categoria 2	Não heroificação/ Posicionamento crítico ou isento

Fonte: Elaboração própria.

Na última etapa do processo, segundo a proposta metodológica de Soares (2011, p. 15-16), os resultados obtidos foram submetidos à análise interpretativa, confrontando-os com o instrumental teórico de base selecionado na pesquisa bibliográfica “visando à explicação ou à compreensão do enquadramento”. Além do conceito de “enquadramento noticioso”, segundo as contribuições de Porto (2007), Gitlin (1980) e Entman (1993), a interpretação dos dados também se norteia, principalmente, nos conceitos de “lugares de memória”, de Pierre Nora (1993), e de “enquadramento de memória”, de Michel Pollak (1989, 1992).

A imprensa como “lugar de memória”

O conceito de “lugares de memória” (*lieux de memoire*) é uma contribuição teórica importante de Pierre Nora para as discussões sobre os usos da memória histórica. O autor, cujas reflexões são, em parte, tributárias dos estudos célebres de Maurice Halbwachs sobre a dimensão social da memória, se interessava bastante pela questão da memória coletiva, que definiu como sendo "o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado." (Nora apud Le Goff, 1996, p. 472).

Segundo Nora (1993), no Ocidente, o desenvolvimento industrial e a modernização das sociedades fizeram com que organizações tradicionais como a Escola, a Igreja e a Família, responsáveis pela conservação e transmissão de valores, pela reprodução da memória (principalmente através da oralidade), fossem perdendo essa função. Com o declínio da tradição oral, os liames que uniam os membros desses grupos foram se tornando cada vez mais fracos por conta dessa fragilidade na preservação e repasse dos valores identitários, promovendo assim uma “crise de memória”.

Em resposta ao fim da “sociedade-memória”, ao “sentimento que não há [mais] memória espontânea”, como diz Nora (1993, p. 13), os homens passaram a recolher e guardar vestígios do passado em “lugares de memória”, mananciais de tradição responsáveis pela difusão daqueles valores que antigamente eram passados de geração para geração diretamente pelos seus membros. Os “lugares de memória” surgem da constatação de que, nessas novas condições, “é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atos [...]” (Nora, 1993, p.13).

Os “lugares de memória” coletiva podem ser, portanto, materiais ou simbólicos e carregam uma espécie de herança memorial dessas sociedades.

[São] Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. (Nora apud Le Goff, 1996, p. 473).

Na esteira de Nora e ainda de Le Goff (1996), que entendem os meios de comunicação como “novos utensílios de produção dessa memória”, podemos também considerar os media, particularmente a imprensa, como modernos “lugares de memória”. Incluem-se aí não só os meios tradicionais como TV, rádio e os impressos, mas também a internet na medida em que ela contribui hoje, fundamentalmente, para armazenar e repassar, sob determinadas versões, fatos e valores que ajudam a configurar a memória coletiva e a própria história.

Considerando que são os acontecimentos vividos pelos homens e, portanto, carregados de historicidade, os elementos constitutivos da memória individual e coletiva (que está, por

sua vez, incrustada nos “lugares de memória”), Michel Pollak (1992) lembra que eles podem ser vividos pessoalmente e também pelo grupo ou coletividade a qual a pessoa se sente pertencer, ou seja, vividos indiretamente. Nesse último caso, segundo o autor, “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (Pollak, 1992, p. 2). Dessa forma é que se torna crucial pensarmos no papel da imprensa como um “lugar de memória” e dos jornalistas como seus guardiões. Para Casadei, “Em uma sociedade que se vê defrontada com as novas configurações destes difusores comunicacionais, podemos delinear uma nova arena de batalha privilegiada na atribuição de significados ao passado” (2009, p. 7). Enne (2004, p. 114) também defende que “os meios constroem e veiculam um conjunto de imagens e representações, em um espaço simbólico próprio”, havendo, portanto, nas sociedades contemporâneas, uma estreita relação entre os discursos midiáticos e a produção da memória.

Nesse sentido, olhamos para os veículos jornalísticos também como importantes agentes sociais, criadores de sentidos e versões sobre o real, passado e presente, que povoam a memória das pessoas. Eles são objetos materiais ou, como diz Pollak (1989), “objetos de memória”, nos quais podemos perceber, segundo o autor, os rastros de um “trabalho de enquadramento das memórias”, processo pelo qual determinados agentes sociais constroem versões do passado a partir do controle do que deve ser lembrado, do que deve ser esquecido e das interpretações convenientes dessas lembranças. Ou seja, há um processo de disputa de sentidos a partir da memória devidamente enquadrada: “O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas [...]”, afirma Pollak (1989, p. 9).

A realidade enquadrada

Grande parte da imprensa da década de 80 adotou em seu discurso certos procedimentos enunciativos que conferiram a Tancredo Neves uma determinada visibilidade midiática, acentuando características como a sabedoria, moderação, coragem, competência, liderança,

patriotismo, heroísmo e sacrifício, reforçando lembranças e promovendo silenciamentos (Pádua, 2011a). Esse processo de “enquadramento da memória”, na perspectiva de Pollak (1989), contribuiu para que o ex-presidente ganhasse um lugar no mitológico panteão dos heróis nacionais, assim como outros personagens históricos que também tiveram sua imagem construída socialmente, sob diversos interesses, inclusive políticos, como Tiradentes (Carvalho, 1990), Getúlio Vargas (D’Araújo, 2004; Paranhos, 1999) e a Princesa Isabel (Daibert Junior, 2001).

Em uma perspectiva construcionista dos estudos sobre jornalismo (Alsina, 2009), entende-se que a imprensa atua na construção social da realidade, uma realidade construída seletivamente por meio de representações, de enquadramentos realizados pelos jornalistas (Porto, 2007; Traquina, 2013). Enquadramentos estes que possuem um forte caráter semiótico ao produzirem determinados sentidos a respeito do mundo representado nas telas e páginas impressas (Porto, 2007). O conceito de “enquadramento noticioso” (“framing”) é entendido como um processo de seleção, edição e apresentação - de organização discursiva, em suma - que constrói interpretações específicas sobre os fatos. Refere-se, portanto, ao trabalho do jornalista, baseado na sua cultura profissional e em diversos outros fatores implicados no processo de produção noticiosa, de construir a realidade social por meio de representações mediáticas (Porto, 2007, p. 115). Como lembra Vizeu (2014), “[...] o texto jornalístico é um processo de doação de sentido”.

Na definição de Gitlin, enquadramentos podem ser entendidos como

[...] princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas a respeito do que existe, o que acontece e o que é importante. [...] padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, por meio dos quais os detentores de símbolos organizam de forma rotineira o discurso, seja ele verbal ou visual. (Gitlin, 1980, p. 6-7, tradução minha).

Para o autor, os enquadramentos organizam discursivamente o mundo tanto para os jornalistas quanto para o público. De acordo com Koenig (2004, p. 64), os enquadramentos estruturam quais partes da realidade se tornam notícia, perspectiva essa também compartilhada por Traquina (2013). Enquadrar, portanto, é um processo em que o jornalista escolhe e apresenta aspectos cruciais da realidade. Nesse sentido, mostra-se como

uma “ideia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema” (Goffman apud Traquina, 2013, p. 16). Mas, além da definição de temas a serem jogados à luz ou à sombra, o processo continua no tratamento que se dá a eles. Manifesta-se, por exemplo, na angulação, no destaque, na “saliência” de alguns aspectos da realidade percebida trabalhados no texto (Entman, 1993).

Ao fazer esses enquadramentos por meio da seleção, exclusão e ênfase de alguns aspectos, o jornalista contribui para a formação de uma determinada imagem acerca de um objeto do real. E esses recortes influenciam como as pessoas se recordam das notícias, ou seja, como entenderam os acontecimentos e a própria realidade (Alsina, 2009). Reese (2001, p. 10) relata que “enquadramento é como um exercício de poder, particularmente como ele afeta o nosso entendimento do mundo político”. Conforme Tankard,

O enquadramento mediático é importante porque ele pode ter sutis, mas poderosos efeitos na audiência, até mesmo a ponto de ajudar a depor um presidente. O estudo do enquadramento dos meios pode nos ajudar a identificar e examinar pontos cruciais no processo de mudança de opinião, onde estes poderosos efeitos estão atuando. (Tankard apud Mesquita, 2008, p. 21).

Segundo Pollak (1989, p. 2), “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”.

A memória embalsamada do herói político na imprensa

Portal UOL

O portal UOL publicou no período analisado duas matérias, uma resenha, uma entrevista, três vídeos, e dois artigos de colunistas. Na reconstrução memorialística da imagem de Tancredo, o site de notícias oferece ao leitor diversas facetas do ex-presidente, ora enfatizando aspectos políticos, ora humanizados.

No dia 15/01/2015, data do trigésimo aniversário da eleição para presidente, uma matéria na editoria de política² traz como enfoque principal o enfrentamento entre Tancredo e Maluf no Colégio Eleitoral, lembrando momentos e fatos históricos (caracterizados pelo site como “curiosidades”) daquele processo político. O pano de fundo no enquadramento da matéria, “o gancho” segundo o jargão jornalístico, é a eleição como marco do fim do regime autoritário que se iniciou com o golpe civil-militar de 1964. Na narrativa do “embate”, de uma batalha entre dois personagens associados a valores positivos (a democracia, o bem) e negativos (o autoritarismo, o mal) Tancredo, encarna, tematicamente, na narrativa do portal, o papel do guerreiro que, simbolicamente, venceu e aniquilou um inimigo do povo brasileiro. Diz a matéria:

Como previsto pelos institutos de pesquisa, Tancredo saiu vencedor. Milhares de pessoas fizeram festa para comemorar não apenas a eleição de um presidente civil, mas também o fim de 21 anos de poder autoritário, de repressão e censura. (UOL, 15/01/2015).

Uma galeria com dezenove fotos em preto e branco (Figura 1) cria por esse recurso cromático um efeito de sentido que reforça o caráter grandioso e histórico do momento, como se congelado, eternizado como monumento na memória coletiva (efeito semiótico muito utilizado no fotojornalismo quando se retrata grandes personagens, dando a eles uma aura de magnitude monumental e atemporal). Traz em várias fotografias uma composição plástica que constrói a imagem grandiosa de Tancredo vitorioso, com a mão erguida, sendo aclamado pelos congressistas em clima festivo, evocando a imagem construída e reproduzida historicamente pelos meios de comunicação ao longo das últimas três décadas de personificação do herói político que propiciou ao povo a mudança de um estado de autoritarismo e sofrimento para outro de liberdade e bem-estar.

² “Conheça dez curiosidades da disputa entre Tancredo e Maluf há 30 anos”. UOL, 15/01/2015. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/01/15/conheca-dez-curiosidades-da-disputa-entre-tancredo-e-maluf-ha-30-anos.htm>. Acesso em: 23 mar. 2018.

Figura 1- Galeria de imagens 30 anos da eleição de Tancredo Neves à Presidência



Fonte: Página do portal UOL, 15/01/2015.

Esse enquadramento de Tancredo também é reforçado pelo UOL no mesmo dia na resenha de um livro que o ex-ministro Rubens Ricupero lançava sobre uma visita de Tancredo à Europa, depois da eleição³.

Uma matéria em vídeo⁴ também enquadra, memorialisticamente, o ex-presidente como agente transformador da opressão em liberdade. Na edição, seleciona-se um trecho do discurso de posse que ele não chegou a fazer: “Vim para promover mudanças. Mudanças políticas, mudanças econômicas, mudanças sociais”. Enfoca também outro aspecto cristalizado nas narrativas construídas sobre o presidente a partir do enquadramento de determinadas memórias: a do mártir que se sacrificou fisicamente em uma luta pela democracia, que lhe custou a própria vida.

³ “1985: Congresso prefere Tancredo Neves a Paulo Maluf”. UOL, 15/01/1985. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/01/1575402-1985-congresso-prefere-tancredo-neves-a-paulo-maluf.shtml>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

⁴ “Há 30 anos acabava a ditadura militar brasileira”. UOL, 15/01/2015. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/ha-30-anos-acabava-a-ditadura-militar-brasileira-04024C993962D0995326>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

No mês de março, a primeira publicação foi um vídeo relembrando o processo de eleição, a doença e a posse do vice, Sarney⁵. Verifica-se igualmente na narrativa o reforço do sentido da figura de Tancredo como pai da recente democracia, como sintetiza o trecho da sonora de Sarney que os editores selecionam no qual o político mineiro é qualificado pelo seu ex-vice como “líder”, “comandante” e “o grande estadista”. Com o hino nacional ao fundo, o vídeo reconstitui os fatos a partir de um enquadramento que ganha contornos de jornada heroica e patriótica ao enfatizar Tancredo como incansável lutador da liberdade.

Todo processo de edição jornalística implica escolhas. E escolhas pressupõem incluir alguns aspectos e excluir outros, o que leva, conseqüentemente, à produção de determinados sentidos discursivos (Pereira Júnior, 2006). No caso de reconstituição memorialística de fatos históricos, embalada no formato de notícia, esse processo de seleção acaba por promover lembranças de forma seletiva, enquadrada, como diz Pollak (1992). Os articulistas Juca Kfoury⁶ e Mário Magalhães⁷ deram destaque em suas colunas ao discurso que Tancredo preparou para a sua posse, que não chegou a acontecer naquele 15 de março de 1985. Nos trechos selecionados pelos dois jornalistas promovem-se lembranças que reforçam a imagem consagrada nos media e na memória coletiva de Tancredo como conciliador e defensor dos mais necessitados, assim como Getúlio Vargas, outro herói nacional presente na memória coletiva como “Pai dos pobres” e de quem Tancredo foi amigo, ministro em 1953-54 e herdeiro político. Essa associação entre os dois já era bastante presente nos veículos de comunicação da época, desde a campanha para a Presidência, em 1984, até a sua morte, em 1985 (Pádua, 2011a). O título da coluna de Magalhães dá o tom: “Tancredo: o ‘exacerbado egoísmo’ das elites as conduz ao ‘suicídio total’”.

⁵ “O que aconteceu em 15 de março de 1985?”. UOL, 14/03/2015. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/o-que-aconteceu-em-15-de-marco-de-1985-04028C1A316CC0A15326>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

⁶ “30 anos atrás, o discurso que Tancredo Neves faria, mas não fez”. UOL, 15/03/2015. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2015/03/30-anos-atras-o-discurso-que-tancredo-neves-faria-mas-nao-fez>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

⁷ “Tancredo: o ‘exacerbado egoísmo’ das elites as conduz ao ‘suicídio total’”. UOL, 16/03/2015. Disponível em: <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2015/03/16/tancredo-o-exacerbado-egoismo-das-elites-as-conduz-ao-suicidio-total>. Acesso em: 26 mar. 2018.

Os sentidos em torno da imagem histórica do presidente como herói nacional, que sacrificou a própria vida em favor de uma causa nobre e altruísta da qual estava imbuído em uma difícil batalha contra um inimigo coletivo (a ditadura), são reconstruídos no enquadramento discursivo da entrevista especial que o portal fez com o ex-assessor de Tancredo, Antonio Brito, no dia 15/03/2015⁸. O enquadramento de martírio já é sugerido na manchete: “Tancredo fez política com o próprio corpo’, diz ex-porta-voz”. Segue o texto: “Eleito de forma indireta por um colégio eleitoral, Tancredo Neves foi o nome escolhido para conduzir o País rumo à redemocratização”. A matéria ainda alude à estrutura mítica da jornada do herói clássico como “alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”, conforme aponta Campbell (1990, p. 137):

Já doente, o político mineiro adiou a procura de tratamento para as fortes dores abdominais que vinha sentindo e preferiu, entre janeiro e março de 1985, fazer um giro pela Europa em busca de apoio internacional para sua posse, sob o temor de que os generais linha-dura pudessem dificultar a transição. (UOL, 15/03/2015).

Os trinta anos da morte de Tancredo foram tema de um vídeo de quase cinquenta minutos veiculado no UOL⁹, em abril, no formato de mesa redonda, com jornalistas e convidados próximos a ele naquele período da eleição e da morte. Uma “homenagem”, como é classificada na descrição da publicação. As lembranças evocadas, as versões dos fatos narrados por cada um dos participantes do debate (portanto a memória enquadrada) tecem uma trama que, no conjunto, projeta no presente uma imagem histórica altamente laudatória. O enquadramento dominante aponta para o político sábio, líder inteligente, astuto, experiente, prudente, conciliador. Percebe-se aqui fortemente a evocação de características associadas ao “Mito da mineiridade” (Santos, 2011, p. 213)¹⁰. Na fala dos

⁸ ⁸ “Tancredo fez política com o próprio corpo’, diz ex-porta-voz”. UOL, 15/03/2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/03/15/tancredo-fez-politica-com-o-proprio-corpo-diz-ex-porta-voz.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

⁹ “30 anos da morte de Tancredo Neves”. UOL, 19/04/2015. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/30-anos-da-morte-de-tancredo-neves--parte-1-0402CC1B356CD0A15326>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

¹⁰ De acordo com Maria Cláudia Santos (2011, p. 213), “Estudiosos, como Dulci (1998), definem a chamada mineiridade como a união de diversos elementos que constituem o povo de Minas, como o apego à tradição, a valorização da ordem, a prudência e o espírito conciliador. Mineiros como Tancredo Neves seriam dotados, ainda, de uma capacidade singular de acomodar-se às circunstâncias e, ao mesmo tempo, de fazer mudanças. A habilidade e a paciência, como estratégias para o alcance de objetivos políticos com menor custo,

participantes, o político também teria sido notável, culto, humilde, bem-humorado, amado pelo povo, corajoso, respeitado até pelos adversários, forte e fiador da democracia. Enfatiza-se também os contornos temáticos do herói-mártir ao reforçar a versão disseminada ao longo do tempo do sacrifício pessoal que ele teria feito em adiar o tratamento da sua doença para garantir a posse e a transição definitiva para a democracia. Ao final, o enquadramento construído é de um político extraordinário, um herói nacional cuja singularidade é ter sido tudo isso em um campo deteriorado como a política, um tipo de homem público raro nos dias atuais e, portanto, de estatura histórica monumental.

Na mesma direção, enfatizando a imagem de articulador e de conciliador, uma outra matéria em vídeo veiculada na TV UOL¹¹, também faz uma ligação entre passado e presente, projetando a figura de Tancredo como exemplo a ser seguido na atualidade. Segundo a reportagem, ele “deixa um legado de grande articulador”, um “sábio articulador”, ou, segundo o comentário de encerramento da apresentadora, como uma síntese do enquadramento adotado na matéria, “um visionário, um homem mais da ‘conservação’ do que do rompimento e da ruptura”. “E foi assim que o Brasil conseguiu essa transição democrática para o que temos hoje”, finaliza o vídeo.

Revista Veja

Na edição eletrônica da revista *Veja* há cinco publicações no período analisado, todas em colunas fixas de articulistas com caráter opinativo. Em todas elas a memória de Tancredo, evocada e exaltada, é sempre a do grande estadista, conciliador e um modelo de político que deixou para o Brasil um legado valioso.

No aniversário de trinta anos da sua eleição, Augusto Nunes, ex-redator chefe da revista, recupera uma série de textos que escreveu de 2009 a 2015 com “lições” que aprendeu com Tancredo Neves¹². São “ensinamentos”, segundo ele, que colheu durante entrevistas

encerrariam o conjunto de traços definidores da mineiridade”. Acrescenta-se a essas características uma outra, vinculada à imagem de Tiradentes: o apeço e a defesa intransigente da liberdade.

¹¹ “Morte de Tancredo Neves completa 30 anos”. UOL, 21/04/2015. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/morte-de-tancredo-neves-completa-30-anos-04020E993570D0A15326>>.

Acesso em: 27 mar. 2018.

¹² “As seis lições de Tancredo”. *Veja online*, 15/01/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/as-seis-licoes-de-tancredo>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

realizadas para a revista ao longo de vários anos e que compilou em uma espécie de manual a ser seguido pelos políticos brasileiros. É “uma aula magna ministrada pelo estadista que só depois de morto subiu a rampa do Palácio do Planalto”, diz o jornalista. Nas narrativas memorialísticas de Nunes que compõem as “lições de Tancredo”, ele é mostrado, com fartos elogios, como um grande mestre, experiente, correto, “o sábio mineiro”.

Em outra coluna, de 19/04/2015¹³, próxima da data de morte de Tancredo, 21 de abril, Nunes reproduz um artigo do também colunista Roberto Pompeu de Toledo que associa o político a duas outras importantes figuras mineiras, consideradas heróis nacionais: Tiradentes e Juscelino Kubitschek: “Os três mineiros têm em comum encarnarem momentos de esperança na história do Brasil.”, diz Toledo para, em seguida, enaltecer as qualidades de cada um e os aproximar como figuras míticas da história brasileira.

Ainda nesse texto, Toledo, reproduzido por Nunes, adota uma estratégia discursiva que se repete nas outras publicações da revista em que há menções sobre Tancredo no período analisado. Primeiro, a memória heroificada do político mineiro é resgatada de forma apologética como modelo de conduta para, em seguida, ser comparada a outros políticos, principalmente do PT (e seus aliados)¹⁴, alvo principal de ataques de Veja, que assume explicitamente um posicionamento editorial de direita. Postos ao lado de Tancredo, os petistas são inferiorizados e moralmente ridicularizados.

Uma “lição” de Tancredo, a de que “esperteza quando muita cresce, fica grande, vira bicho e come o dono” é mencionada em outra publicação¹⁵ para introduzir um vídeo no qual a jornalista do site, Joice Hasselmann, fala sobre o “mensalão do PT”. A comparação evoca a lembrança de Tancredo como político sábio, para criticar a suposta esperteza de Lula, classificado como “o grande mentiroso”.

¹³ “Roberto Pompeu de Toledo: ‘Três mineiros e uma mineira’ (Este texto também foi republicado no site da Veja em 11/02/2017). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/roberto-pompeu-de-toledo-8216-tres-mineiros-e-uma-mineira-8217/>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

¹⁴ “Comparação com Tancredo”. Veja online, 02/02/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/comparacao-com-tancredo>> . Acesso em: 10 abr. 2018.

¹⁵ “O grande mentiroso”. Veja online, 05/04/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/o-grande-mentiroso>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Em uma publicação anterior, do dia 15/01, por ocasião da efeméride dos 30 anos da eleição de Tancredo, o site postou um vídeo¹⁶ com os colunistas Marco Antonio Villa e Joice Hasselmann comentando a data. Como o título “A Nova República morreu com Tancredo”, Veja evoca, novamente, a memória do legado político grandioso do mineiro, herói da democracia, como mote para criticar os governos de Lula e Dilma. O vídeo de 38 minutos segue com os comentaristas tecendo outras comparações na mesma linha de ataques ao PT.

Para Le Goff (1996, p. 473), “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas”. Na relação dos grupos sociais com a memória coletiva, sob o viés das disputas de poder, promovem-se “enquadramentos” dessa memória, segundo Pollak, para quem a memória é resultado de um trabalho de organização, “um campo de disputas manifestas em conflitos sociais e intergrupais, na medida em que diferentes versões de um mesmo fato competem para adquirir o estatuto de memória oficial” (apud Casadei, 2009).

Percebe-se recorrentemente a estratégia discursiva de Veja de apresentar Tancredo de forma heroificada, como modelo de envergadura política e retidão moral a ser seguido, de preservar e reforçar na memória coletiva através desse “lugar de memória”, que é o site da revista, a imagem mitificada do político mineiro. Preservar a memória, e mais que isso, preservar determinadas versões dessa memória (hoje nos meios eletrônicos), por meio de estratégias de enquadramento, é, portanto, fundamental para aqueles que por diversos motivos querem perpetuar certas ideias e ideais ou beneficiar-se de tais versões do passado impregnadas no imaginário social. No caso em questão, no campo das disputas político-ideológicas do qual Veja é um importante agente, alimentar de forma apologética a mística em torno de Tancredo serve como munição para ferir a imagem dos adversários do presente, inferiorizando-os.

Em uma sociedade crivada por disputas hegemônicas discursivas, ensinam Laclau e Mouffe (1987), as disputas pelas versões do passado a partir das demandas do presente,

¹⁶ “A Nova República morreu com Tancredo”. Veja online, 15/01/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tveja/arquivo/a-nova-republica-morreu-com-tancredo>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

disputas pelos sentidos construídos através de lembranças e esquecimentos, se tornam um fator crucial. Segundo Padrós,

De fato, a memória é uma construção. Como tal, ela é perpassada, veladamente, por mediações que expressam relações de poder que a hierarquizam, segundo os interesses dominantes, aspectos de classe, políticos, culturais, etc. Isto não é produto do acaso; é sim um resultado da relação e interação entre os diversos atores históricos em um determinado momento conjuntural. (Padrós, 2001, p. 80-81).

É a “memória disputada”, a memória como objeto de verdadeiras batalhas, como assinala Pollak (1989, p. 9-10): “guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”. Como avalia Enne (2004, p. 103), “no presente, os grupos envolvidos nessa disputa pelo passado vão administrar esses significados, vão postular a condição de guardadores e organizadores dessa memória, pois isso tem um forte peso político”. A autora complementa: “dentro dos acontecimentos do passado, os grupos irão buscar os símbolos que emprestem mais sentidos às suas necessidades do presente [...]” (ENNE, 2004).

Nessa relação dos grupos sociais com a memória coletiva, sob o viés das disputas de poder, promovem-se “enquadramentos” dessa memória, de acordo com Pollak, que abrangem os seguintes pressupostos:

[...] a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconscientemente); ela é fruto de um trabalho de organização; ela é um campo de disputas manifestas em conflitos sociais e intergrupais, na medida em que diferentes versões de um mesmo fato competem para adquirir o estatuto de memória oficial; e ela é um elemento constituinte da construção das identidades. (Casadei, 2009).

Dessa forma é que se torna crucial pensarmos no papel da imprensa como “lugares de memória”. Mais do que isso, como “lugares de memória em disputa”:

Em uma sociedade que se vê defrontada com as novas configurações destes difusores comunicacionais, podemos delinear uma nova arena de batalha privilegiada na atribuição de significados ao passado. Trata-se de um espaço de memória, no entanto, reconfigurado a partir de uma nova maneira de comunicar, o que, sem dúvida, implica dizer em um redesenho na forma pela qual a difusão da História comum vinha sendo empreendida até então. (Casadei, 2009).

Percebe-se, assim, segundo Enne, o papel atuante do jornalismo na cristalização de visões (e versões) sobre o real.

Vários autores têm procurado demonstrar como os meios de comunicação de massa e, mais especificamente, os jornais, ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social. [...] Assim, não há como não assinalar, nas sociedades contemporâneas, a intrínseca relação entre os discursos midiáticos e a produção da memória (ou como deseja Nora, uma memória que já não é memória espontânea, mas produzida). (Enne, 2004, p. 114).

Folha de São Paulo

Na Folha de São Paulo online, as publicações também foram realizadas nos meses de janeiro, março e abril de 2015, com maior concentração em março (doze publicações), abordando o fato da doença de Tancredo e da posse de Sarney como presidente interino, marcando o final do Regime militar. Foram sete matérias, nove colunas/artigos de opinião, uma resenha e duas cartas de leitores.

Nos veículos analisados até aqui (Veja e UOL) observou-se uma tendência homogênea de enquadramentos referentes à reprodução da imagem consagrada na memória coletiva e nas narrativas da imprensa da década de 80 de Tancredo Neves como herói e mártir da democracia. A Folha, ao contrário, apresenta um quadro heterogêneo, com uma demarcação clara entre publicações que seguem essa tendência e outras em que há, perceptivelmente, o cuidado de estabelecer uma narrativa mais comedida e isenta, de não heroificação, em alguns casos até desconstruindo essa imagem romantizada, lançando luz sobre fatos e interpretações da trajetória do político mineiro silenciadas ou eufemizadas pelos outros veículos.

No que se refere à reprodução de versões heroificadas da história de Tancredo, quase todas as menções ocorrem em postagens dos colunistas. Em um artigo¹⁷ classificado de forma elogiosa por uma leitora como “uma verdadeira ode a Tancredo Neves”, Elio Gaspari reconstrói, memorialisticamente e com contornos que tendem à hagiografia, a figura do político mineiro como o grande conciliador de singular estatura histórica: modesto, culto,

¹⁷ “A grande conciliação de 1985”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2015/03/1602974-a-grande-conciliacao-de-1985.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

com profundo conhecimento histórico, experiente, “aquele homem suave costurava a maior conciliação política da história brasileira” sem, no entanto, segundo o autor, aproximar-se da ditadura, manchando sua trajetória. Na interpretação dos fatos que o colunista realiza para corroborar a imagem laudatória do político mineiro, os acordos realizados por ele com parte da cúpula militar teriam sido frutos não de sua iniciativa (o que poderia ser visto de forma depreciativa a sua reputação de democrata e a sua promessa de “varrer o lixo autoritário”), mas dos próprios representantes do governo autoritário que foram até ele. Assim como aparece na *Veja*, no artigo de Gaspari Tancredo também é mostrado como exemplo a ser seguido pelos políticos do presente.

Em outro artigo¹⁸, Gaspari, em tom apologético, caracteriza Tancredo como um político astuto, discreto e habilidoso. “A suavidade de Tancredo era da alma. Ele jamais latiu. Quando mordida, a vítima só sentia a dentada horas depois”, diz. Ele foi “o grande homem”, que reestabeleceu a democracia, o “presidente que só entrou no Planalto depois de morto”. Foi, nas palavras do articulista, o homem que “construiu a conciliação que liquidou o consulado militar”, afirma em outra coluna¹⁹.

O engrandecimento da figura de Tancredo feito por Gaspari é corroborado em espaço aberto pela *Folha* na sessão Painel do Leitor do dia 16/03/2015, em que uma leitora reitera os elogios feitos pelo jornalista no dia anterior: “A grande conciliação de 1985’ de Elio Gaspari é verdadeira ode a Tancredo Neves, o pequeno grande homem que, mesmo sem tomar posse, é personagem relevante da história brasileira”²⁰.

Na mesma semana, os colunistas Carlos Heitor Cony e Kenneth Maxwell também reforçam a imagem estereotipada de Tancredo, em que se cristalizam a figura de herói e mártir da

¹⁸ “Há trinta anos, em três livros”. FSP online, 08/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2015/03/1599719-depois-da-lista-chega-a-hora-das-provas.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

¹⁹ “O dia 12 e a memória das calçadas”. FSP online, 01/04/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2015/04/1611014-o-dia-12-e-a-memoria-das-calçadas.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

²⁰ Tancredo Neves é personagem relevante da nossa história, diz leitora”. FSP online, 16/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/03/1603218-tancredo-neves-e-personagem-relevante-da-nossa-historia-diz-leitora.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

democracia. Em um artigo²¹ sobre a crise no início do segundo mandato da presidente Dilma Roussef, que enfrentava protestos populares, Cony resgata a memória de Tancredo como exemplo de grande estadista, em uma associação com a memória de Getúlio Vargas, de quem Tancredo foi herdeiro político, atribuindo a ele qualidades como bravura, coragem e espírito patriótico. Já Keneth Maxwell²², estabelece associação explícita entre Tancredo, que tinha “formidável talento político”, e outro herói nacional, Tiradentes, “seu grande herói e conterrâneo”. E apela ao “Mito da mineiridade” (Santos, 2011), reforçando o estereótipo gravado na memória coletiva do presidente como o grande conciliador.

José Sarney, vice de Tancredo Neves em 1985, e o senador Aécio Neves, seu neto, também usaram o espaço das colunas da Folha para heroificar, de forma ainda mais eloquente, a figura do ex-presidente. Sarney reforça a imagem de Tancredo como mártir que se sacrificou pela conquista da democracia: “Muitos deram a vida pelo país. Tancredo foi o único que deu sua morte pelo Brasil”²³.

Aécio, em três colunas (18/01, 16/03 e 20/04/2015)²⁴, menciona o avô como “um grande brasileiro”, aquele que “reconduziu o Brasil ao encontro da democracia”, mesmo tendo vivido um “calvário pessoal”, um exemplo a ser seguido pelos políticos de hoje. Um homem “à altura dos desafios que se impunham”. “Homens para quem a atividade política era um instrumento para servir ao povo e ao país”.

²¹ “O grande gesto”. FSP online, 17/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/carlosheitorcony/2015/03/1603829-o-grande-gesto.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

²² “Os idos de março”. FSP online, 19/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kennethmaxwell/2015/03/1604892-os-idos-de-marco.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

²³ “José Sarney: Trinta anos: a história se contorce”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2015/03/1602760-jose-sarney-trinta-anos-a-historia-se-contorce.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

²⁴ “Aécio Neves: Tancredo”. FSP online, 18/01/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2015/01/1576441-aecio-neves-tancredo.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

“As ruas”. FSP online, 16/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/aecioneves/2015/03/1603395-as-ruas.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

“30 anos”. FSP online, 20/04/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/aecioneves/2015/04/1618737-30-anos.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

Tanto no artigo de Sarney quanto nos de Aécio, nota-se, como foi analisado no caso da revista *Veja*, uma estratégia de uso da memória de Tancredo Neves devidamente enquadrada. Os dois políticos, um deles seu aliado e outro seu neto e herdeiro, tratam de preservar e reforçar, seletivamente, através desse “lugar de memória” que é o jornal (que, lembremos, desfruta de prestígio e credibilidade) determinadas lembranças com as quais eles próprios possam ser identificados. Primeiro apresentam Tancredo de forma heroificada, como modelo de político a ser seguido e, a partir disso, estabelecem uma aproximação com ele como continuadores da sua missão e seguidores dos seus ensinamentos. Consequentemente, em um processo de contaminação simbólica através do discurso, os dois sugerem ser herdeiros do capital político e moral do herói da democracia, agregando valor as suas próprias biografias.

Se nos artigos opinativos dos colunistas prevalece uma figura de Tancredo carregada nas tintas da heroificação, nas matérias informativas o tom é mais comedido e percebe-se no tratamento editorial a preocupação em produzir uma aparência de isenção. A matéria “Vitória de Tancredo para a Presidência completa trinta anos”²⁵, segue uma linha mais descritiva, em uma narrativa cronológica dos acontecimentos históricos da eleição, em janeiro de 2015, sem adjetivação ou qualificações da figura do ex-presidente.

Da mesma forma, em uma matéria de balanço sobre os trinta anos da democracia brasileira²⁶, há referências a vários momentos históricos e presidentes. Os fatos relativos a Tancredo são descritos também em ordem cronológica e não há, discursivamente, a indicação de prevalência de sua figura em relação aos outros personagens que participaram do processo de redemocratização, tanto do lado do regime militar quanto da oposição. Personagens como o presidente Figueiredo, Ulysses Guimarães, Lula, Brizola e José Sarney aparecem em outra galeria de imagens no dia 15/03/2015²⁷. Não há, igualmente,

²⁵ “Vitória de Tancredo para a Presidência completa trinta anos”. FSP online, 15/01/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/01/1575283-vitoria-de-tancredo-para-a-presidencia-completa-trinta-anos.shtml?cmpid=softassinanteuol>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

²⁶ “Em sua fase mais longa, democracia completa 30 anos com novos desafios”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602693-em-sua-fase-mais-longeva-democracia-completa-30-anos-com-novos-desafios.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

²⁷ “Personagens da redemocratização”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2015/03/118952-personagens-da-redemocratizacao.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

nessa publicação indicação de superioridade de Tancredo em relação aos demais. O mineiro ganha apenas um quadro sucintamente descritivo abaixo de sua foto (Figura 2).

Figura 2- Galeria de imagens- Balanço dos 30 anos de democracia no Brasil



Fonte: Folha de São Paulo online, 15/03/2015.

A mesma linha objetiva e sucinta está presente na fotogaleria intitulada “30 anos de redemocratização”²⁸, mostrando 29 imagens com momentos políticos do período, desde a eleição de Tancredo até o governo Dilma (Figura 3).

²⁸ “30 anos de redemocratização”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/33388-30-anos-de-redemocratizacao#foto-492409>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

Figura 3 - Galeria de imagens “30 anos de redemocratização”



Fonte: Folha de São Paulo online, 15/03/2015.

De um tratamento editorial sucinto e objetivo nessas quatro publicações informativas, passa-se a um tom mais analítico e crítico em outras três matérias (duas especiais e uma resenha). Crítico não no sentido da construção de uma imagem negativa de Tancredo (e alguns momentos ele é até elogiado), mas de evocar também através de enquadramentos de memória alguns aspectos e lembranças que desconstruem a imagem clichê do grande herói, do político popular e amado pelo povo que altruisticamente deu a própria vida em favor de uma causa nobre, como se verificou nos artigos de opinião. A seguir alguns exemplos desse tratamento.

Em 15/03/2015, a matéria “Tancredo Neves previa gastar toda sua popularidade em três meses”²⁹ narra alguns momentos da campanha à Presidência. Mostra que ele sabia que sua popularidade era repentina e passageira, pois planejava medidas amargas e impopulares quando assumisse (essas intenções nunca são mostradas nas narrativas nas quais sua figura é exaltada). Sugere como “ vaidade” a sua decisão de adiar o tratamento de um tumor para continuar na articulação que garantiria a sua posse e a concretização da transição do regime

²⁹ “Tancredo Neves previa gastar toda sua popularidade em três meses”. FSP online, 15/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602688-tancredo-neves-previa-gastar-toda-sua-popularidade-em-tres-meses.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

militar para o democrático, ao contrário dos enquadramentos idealizados da maioria das outras publicações em que a sua decisão é mostrada como sacrifício e martírio em nome da liberdade. Também evidencia que ele tinha planos para uma reforma constitucional muito mais modesta do que a que efetivamente foi realizada em 1988. Faria também uma reforma econômica ortodoxa no combate à inflação: “Quería corrigir a defasagem salarial, sem dar ganhos reais aos trabalhadores”, diz a matéria. A reportagem também descobriu outros mitos evocados nas narrativas heroificadas, como o que de que ele liquidou o regime militar, varrendo o “entulho autoritário”, ou uma versão colorida da “grande conciliação nacional” que ele dizia poder promover, onde as suas relações de bastidores e as concessões negociadas com os generais no poder quase nunca são problematizadas.

Uma outra matéria³⁰ sobre o lançamento de uma biografia de Tancredo o caracteriza como político experiente e habilidoso, mas foge ao apelo fácil da canonização, assumindo uma análise mais equilibrada, lembrando, por exemplo, momentos pouco nobres de sua vida política, praticamente omitidos pelas narrativas engrandecedoras, como a derrota para o governo de Minas, em 1960. Trata com ceticismo também a tendência ligada à heroificação de sua imagem, pautada na exacerbação de qualidades como a coragem e a dedicação altruísta e patriótica em nome da luta pela democracia. Diz a matéria: “a frase que termina o livro é representativa do tom pouco crítico da obra: ‘nem mesmo o risco do assassinato o levaria a recusar a convocação para servir a seu país’”.

Por fim, a matéria assinada pelo colunista Clóvis Rossi³¹, na data de aniversário da morte de Tancredo, busca o equilíbrio ao reconhecer a sua importância para a política nacional, assinalando que “é inquestionável que Tancredo de Almeida Neves conduziu com notável habilidade, paciência e capacidade de articulação política, a transição para o regime democrático”, mas segue a linha mais crítica de recusa às narrativas memorialísticas de cunho hagiográfico sobre o ex-presidente.

³⁰ “Biografia é superficial ao revisitar a trajetória de Tancredo Neves”. FSP online, 08/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1599714-biografia-e-superficial-ao-revisitar-a-trajetoria-de-tancredo-neves.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

³¹ “Doença e morte fizeram de Tancredo um líder popular no fim da ditadura”. FSP online, 21/04/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1619127-doenca-e-morte-fizeram-de-tancredo-um-lider-popular-no-fim-da-ditadura.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

O colunista começa desconstruindo a ideia consagrada de Tancredo como um líder naturalmente popular e carismático, que arrastava multidões desde sempre, e salienta seu perfil de político conservador, de direita, algo pouco difundido na memória coletiva que se cristalizou nas últimas três décadas, na qual ele aparece muito mais progressista do que realmente era: “o presidente eleito era um conservador, do que dá prova não só a sua biografia, mas o fato de ter escolhido Francisco Dornelles para comandar a economia.”. “Se já fosse corrente à época, Dornelles seria chamado de neoliberal, por ser mais preocupado com o saneamento das contas públicas e com a inflação do que com a questão social”, prossegue.

E, reforçando a desconstrução dos enquadramentos hegemônicos sobre a natural popularidade dele, Rossi assinala, de forma enfática: “Nem Tancredo nem Sarney eram políticos de grande popularidade. Foi a doença, em circunstâncias tão extraordinárias, que fez do presidente eleito, mas não empossado, um ícone popular”.

Essas são três publicações que oferecem um contrapeso aos discursos mais romantizados nas narrativas hegemônicas sobre ele na imprensa, assim como visto nas análises anteriores do portal UOL e da Veja. Nesses exemplos da Folha percebe-se a evocação de certas memórias que são omitidas nas matérias do UOL e da Veja. Nesse sentido, como lembra Pollak (1992), também faz parte do trabalho de enquadramento da memória e, portanto, de disputa de memória, realizado por certos agentes sociais/políticos (aqui considerando os jornalistas), tanto as lembranças quanto os esquecimentos, tanto as falas quanto os silenciamentos. Configuraram-se “zonas de sombras, de silêncios e não ditos, presentes em discursos carregados de metáforas”. (Pollak, 1992, p. 48).

Considerações finais

Tancredo Neves ocupou uma posição central no conturbado cenário da transição da ditadura para a democracia, no começo da década de 1980. Sob a bandeira da “grande conciliação nacional”, ele costurou uma série de acordos com políticos que faziam oposição ao regime, com dissidentes do PDS e até com membros civis e militares do

próprio governo, em um projeto de mudança de regime conciliada e conservadora, afinada com os planos de uma transição “lenta, gradual e segura”, traçados uma década antes pelo general-presidente Ernesto Geisel.

Na época, a grande imprensa, em geral, encampou integralmente sua candidatura, pois naquele momento ele representava a possibilidade de uma transição “tranquila”, sem sobressaltos ou rupturas (ameaça essa representada por partidos e grupos de esquerda e de extrema direita, considerados “radicais”) que poderiam prejudicar os interesses da elite política e econômica e dos próprios militares, receosos de “revanchismos”, como se referiam a possíveis punições pelos seus mandos e desmandos (Pádua, 2011a).

Durante a campanha à Presidência, seus aliados e grande parte da imprensa investiram na criação de uma imagem ufanista na qual Tancredo aparecia como o único capaz de salvar o país da crise econômica e dos graves problemas sociais. E mais importante: a do homem que acabaria com vinte anos de ditadura e devolveria a democracia ao povo (Pádua, 2011a). Esse processo de construção de imaginário foi tão intenso que ajudou a fazer com que essa imagem impregnasse a memória coletiva e se cristalizasse no senso comum.

Na atualidade, a despeito de um lapso temporal de cerca de trinta anos, a figura do herói político ainda sobrevive fortemente graças, em grande parte, à sua reelaboração em “lugares de memória” midiáticos que contribuem para a disseminação e a preservação de versões do passado no imaginário coletivo, promovendo determinados enquadramentos noticiosos e enquadramentos de memória. O Tancredo que “derrotou” os militares e, assim como Tiradentes, “morreu para devolver a liberdade aos brasileiros”, retratado pelos grandes veículos de comunicação naquele cenário da década de 80, é praticamente o mesmo que pode ser visto ainda hoje nesse imenso espaço público virtual criado pela imprensa online. Nesse sentido, ganha relevância a indagação de Enne (2004): “[...] não são eles [os meios de comunicação] os disseminadores de toda uma galeria de heróis, modelos de beleza e de realização que povoam a fantasia desse final de século?”.

Dos veículos jornalísticos analisados, a Folha de São Paulo foi o que apresentou maior pluralidade de abordagens, fugindo da homogeneidade verificada no UOL e na Veja quanto ao enquadramento e à reprodução apologética da imagem do ex-presidente. No jogo de lembranças, esquecimentos e silenciamentos presentes em todo processo de

enquadramento e disputa da memória - e a produção jornalística é um lugar privilegiado dessas operações- a Folha, no que se refere a matérias informativas e/ou analíticas (excetuando o espaço dos colunistas), apresentou enquadramentos dissonantes do coro geral, ora trabalhando com uma cobertura mais objetiva, que buscava o efeito do distanciamento editorial, ora evocando lembranças que oferecem um contraponto crítico ao discursos hegemônico do herói e mártir da democracia.

Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigues. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMARAL, Marcia Franz. Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho. 2004. 273 fl. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASADEI, Elisa Bacheга. Os novos lugares de memória na internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente on-line. 2009. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.
- DAIBERT JR., Robert. Isabel, a "redentora dos escravos": um estudo das representações sobre a princesa. 2001. 212 fl. Dissertação (Mestrado em História)- Unicamp, Campinas, 2001.
- D'ARAUJO, Maria Celina. A era Vargas. São Paulo: Moderna, 2004.
- ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. Revista Fronteiras, v. VI, n. 2, p. 101-116, jul./dez. 2004.
- ENTMAN, Robert. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. Journal of Communication, New York, v. 43, n. 4, 1993, p. 51-58.
- GITLIN, Todd. The whole world is watching: mass media and the making and unmaking of the new left. Berkeley: University of California, 1980.
- KOENING, Thomas. On frame and framing: anti-semitism as free speech: a case study. In: ENCONTRO ANUAL DO IAMCR, Porto Alegre, jul. 2004. Disponível em: <http://www.restore.ac.uk/lboro/research/case_studies/hohmann/koenig_frames_hohmann_IAMCR_2004.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia. Madrid: Siglo XXI, 1987.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 4ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MESQUITA, Flávio. As fontes jornalísticas no caso dossiê: uma análise de enquadramento da cobertura das revistas *Veja*, *Época*, *Isto É* e *Carta Capital*. 2008. 144 fl. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- FAAC-Unesp, Bauru, 2008. Disponível em: <<https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/flavio.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História- Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: PUC/SP, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. In: UMBACH, Rosani Úrsula Ketzner & GINZBURG, Jaime (Org.) *Revista Letras*. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n 22: Literatura e Autoritarismo – o esquecimento da violência. Revista n 4. Jan-Jun 2001, p. 79-95.

PÁDUA, Gesner Duarte. O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves nas revistas *Veja* e *Manchete* (1982- 1985). 2011. 252 fl. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- PUC-SP, São Paulo, 2011a.

PÁDUA, Gesner Duarte. O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves na revista *Veja*. PRATA, Nair; CAMPELO, Wanir (Org.). *Tancredo Neves: A travessia midiática*. Florianópolis: Insular, 2011b, p. 135-170.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *Guia para a edição jornalística*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PORTO, Mauro P. *Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

REESE, Stephen D. Prologue- Framing public life: a bridging model for media research. In: REESE, Stephen D.; GANDY JR, Oscar H.; GRANT, August E (Org.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

SANTOS, Maria Cláudia. Tancredo Neves e o reforço da mineiridade: o papel da imprensa neste processo. In: PRATA, Nair; CAMPELO, Wanir (Org.). *Tancredo Neves: a travessia midiática*. Florianópolis: Insular, 2011, p. 213-226.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. Capítulo disponível no site da editora: <www.editoraatlas.com.br>. Acesso em: 12 set. 2017.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, v. 2, 2013.

VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

O autor

Gesner Duarte Pádua é professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT/CUA, doutorando e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Email: gesnerduarte@hotmail.com